

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

GIULIANNA MIGUEL

**CINEMA SURDO NO BRASIL**

Representação, acessibilidade, protagonismo

RECIFE,

2023

GIULIANNA MIGUEL

**CINEMA SURDO NO BRASIL**

Representação, acessibilidade, protagonismo

Monografia apresentada à Universidade Federal de Pernambuco como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de bacharelado em Cinema e Audiovisual.

Recife, 28 de abril de 2023

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora Cristina Teixeira Vieira de Melo

---

Professor Doutor Fernando Weller

---

Professor Esp. Alessandro Augusto de Souza Vasconcelos

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Miguel, Giulianna.

Cinema Surdo no Brasil: representação, acessibilidade, protagonismo /  
Giulianna Miguel. - Recife, 2023.

33p : il.

Orientador(a): Cristina Teixeira Vieira de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Cinema e Audiovisual -  
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Cinema Surdo. 2. Libras. 3. Estudos Surdos. I. Melo, Cristina Teixeira  
Vieira de. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

À Comunidade Surda  
e a minhas mais velhas

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, que é a razão de eu estar nesse mundão hoje, em especial minha mãe e meu pai, por serem tão meus parceiros, cada um a seu modo, e meus avós por todo o afeto, comida gostosa e sensação de conforto e segurança, apesar dos embates. Aos avós que não conheci, meu muito obrigada, sem vocês eu não estaria aqui e eu sou o legado de vocês. Agradeço ao SUS, ao Hospital da Mulher do Recife, ao Ambulatório LBT e todos os profissionais de saúde mental do serviço público ou privado que me atenderam dignamente, em apoio a minha jornada de autoconhecimento e empoderamento. Agradeço a toda, todinha, Comunidade Surda do Recife e colegas da categoria de interpretação de Libras, onde descobri uma das minhas vocações apaixonadas. Agradeço a Poly e a as mulheres que fazem a Centrae, empresa de acessibilidade que tem sido minha casinha nos últimos anos. Agradeço ao ENEM por ter ingressado na Unila, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, onde comecei minha trajetória universitária, e a todos os laços verdadeiros que surgiram ali e conhecimentos que me transformaram. Obrigada, Cabocla João, e obrigada, mãe, Joelma de Brito, por terem persistido e fincado o pé em terras fronteiriças, me inspirando a continuar. Agradeço ao Projeto Alumiar do Cinema da Fundação por ter despertado meu interesse pelo cinema em Libras e pelo Festival Despertacular por me mostrar o início da pesquisa desse TCC. Agradeço à Lélia Gonzales por me inspirar, assim como vovó, e Sulamita Rosa por me dar um empurrãozinho no final dessa trajetória. Agradeço a UFPE e todes que contribuíram nessa jornada, em especial o acolhimento de Cris, minha orientadora, e Weller, que propiciou várias reflexões e momentos massa ao longo do curso e esteve por perto em momentos difíceis, como coordenador. Agradeço a todos do corpo docente que propiciaram discussões ricas durante o curso e estiveram abertos ao diálogo real. Agradeço meu companheiro de rolê, trabalhos audiovisuais e artigos científicos, Alessandro Vasconcelos, pela parceria. Agradeço a todes cineastas surdes que conheci no Brasil e ao povo que ainda está por vir. Agradeço a minhas parcerias afetivas durante toda essa jornada, pois só o amor salva. Em especial, meu companheiro e melhor amigo Michael e minhas melhores amigas e companheiras Cris, Giuli e Ju. E graças a Jah e ao povo espiritual que me protege, abençoado seja esse TCC e sua apresentação. Miau.

## Resumo

Quando fazemos uma revisão bibliográfica de produções em português sobre cinema surdo, há três tipos de artigos e teses: a primeira tematiza sobre a época do cinema silencioso e a relação prolífica com os surdos, dado que não havia a primazia da voz e da língua oral nessa época. A segunda está situada em um momento de repercussão das conquistas surdas como a Lei de Libras, de 2002, e a LBI - Lei Brasileira de Inclusão, de 2015, que abrange as PCD (Pessoas Com Deficiência), no geral. Essas pesquisas focam em cinema acessível e recursos de acessibilidade comunicacional - janela de Libras e LSE (Legenda para Surdos e Ensurdidos). As duas linhas de pesquisa se associam à terceira, vinculada à educação inclusiva e cinema-educação, onde filmes com narrativas sobre surdos, bem como personagens surdos, são abordados como objetos didáticos, provocadores de reflexão e transformadores.

Filmes feitos por surdos também são pesquisados, mas são minoria, até por conta do acesso dificultado. Desde 2019, no mínimo, há filmes circulando em tela grande, em festivais de nicho, com produções de surdos, em Libras, no Brasil. Já podemos começar uma quarta linha de pesquisa que foque nesse escopo. Da espectralidade e acessibilidade até chegar na representatividade e no protagonismo, na frente e atrás das câmeras. Assim, conheceremos um pouco sobre os Estudos Surdos, que focam na cultura e identidades surdas, para, em seguida, analisar iniciativas de acessibilidade em filmes nacionais, e por fim, conferir títulos produzidos por surdos falantes de Libras no Brasil, contando com aporte teórico de Wayne Betts Jr., cineasta, e seu conceito de *Lente Surda*, além de trabalhos nossos prévios baseados no conceito de *poética pós-fonocêntrica* (Bubniak, 2016).

**Palavras-chave:** Cinema Surdo, Libras, Estudos Surdos

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CULTURA SURDA.....	13
3. ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL PARA SURDES NO CINEMA.....	18
3.1. LEGENDA PARA SURDOS E ENSURDECIDOS - LSE.....	19
3.2. TRADUÇÃO AUDIOVISUAL EM LÍNGUA DE SINAIS - TALS.....	20
4. CINEMA SURDO.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6. REFERÊNCIAS.....	31
7. ANEXOS.....	32
7.1. Depoimento de Pammelleye Katherine.....	32
7.2. Depoimento Yanna Porcino.....	33

## LISTA DE FIGURAS

1.	Figura 1 - Alfabeto Manual em Libras	14
2.	Figura 2 - "Processo de Luto"	27
3.	Figura 3 - "Sinais Vitais" 1	30
4.	Figura 4 - "Sinais Vitais" 2	31

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ANCINE - Agência Nacional do Cinema

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LSE - Legenda para Surdos e Ensurdidos

PCD - Pessoa com Deficiência

TALS - Tradução Audiovisual em Língua de Sinais

TAV - Tradução Audiovisual

TILS - Tradutor-Intérprete (ou Tradução-Interpretação) de Língua de Sinais

# 1. INTRODUÇÃO

Comecei a pensar nesse projeto de pesquisa há mais de 3 anos, um tempo excessivamente inusual para trabalhos de conclusão de curso. Nesse período, uma doença respiratória começou a se alastrar em níveis alarmantes mundialmente, eu recebi um CID do psiquiatra e iniciei tratamento medicamentoso, e passei por uma separação não amigável que se arrastou por meses. No âmbito acadêmico, não havia ninguém no meu departamento, docente ou discente, estudando o mesmo tema que o meu. TCC é sobre isso.

Certa vez, uma professora estava contando sobre seu doutorado: aconteceram alguns problemas bem sérios na família que a fizeram pensar em desistir de escrever a tese. Sua vontade era pausar o projeto de pesquisa e retornar quando as coisas estivessem melhores, mas ela percebeu que esse momento não chegaria. A vida sempre estaria ali, passando, e um doutorado era parte da vida. De fato, essas tais ‘condições normais de temperatura e pressão’, como nos problemas hipotéticos de física, possivelmente nunca existirão, apesar de privilégios sociais e/ou uma boa rede de apoio facilitarem essa caminhada.

Eu sempre estava focando na estrutura desigual da sociedade, que me atravessava em várias camadas (raça, gênero, orientação sexual) e que me tinha como parte do problema em outras (classe, etnia, região). Desse modo, encontrei Sulamita Rosa, intelectual preta e mentora acadêmica. Através de seu perfil nas redes sociais<sup>1</sup>, tive acesso ao seu trabalho em letramento racial e pude fazer um percorrido mental da minha jornada acadêmica de volta ao meu primeiro semestre universitário, ainda na UNILA<sup>2</sup>, quando cursei uma disciplina eletiva sobre raça e América Latina.

Transição para o *flashback*. Minha amiga não-binária me chamando para cursar a disciplina e eu sem entender muito bem o porquê, afinal, eu era *morena*, para quê iria estar naquele espaço de discussão de raça, de pessoas negras? Eu poderia estar me intrometendo. Agradeço a Ariel e a professora Ângela Souza pela experiência que tive, pois foi ali onde pude me entender racialmente na sociedade brasileira, como pessoa não branca, como pessoa embranquecida, como pessoa negra. Conheci Frantz Fanon, Aimé Cesáire e ela... Lélia Gonzales, com seu pretuguês, que me encantou por sua trajetória, e me fez até nomear minha viola em sua homenagem. Ops. Quer dizer, ‘mulheragem’.

---

<sup>1</sup> <https://www.instagram.com.br/rosamef리카na>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Integração Latino-Americana, onde iniciei Cinema e Audiovisual em 2015. Em 2016.2 e no semestre seguinte, cursei minha mobilidade acadêmica na UFPE, universidade para a qual pedi transferência e oficializei o vínculo 2017.2.

Volta para o tempo presente. Estou em São Paulo, mais estabilizada emocional e financeiramente, e decido encerrar esse ciclo. Quer dizer de fato, na real, sentar para escrever. Afinal, o tema é do meu interesse, eu tenho um problema de pesquisa e ele tem muita relevância social e acadêmica. Certo? Ah sim, qual é o tema, o problema, e a relevância? Vamos lá!

Tudo começou numa disciplina eletiva sobre Acessibilidade Comunicacional, ministrada por Liliana Tavares em 2016.2, oportunidade em que tomei contato mais profundamente com o universo surdo e passei a me relacionar com pessoas surdas no CAC (Centro de Artes e Comunicação), estudantes de Letras-Libras. Alice Lima e Leôncio Oliveira me acolheram no primeiro encontro, eu com o alfabeto manual decorado e um papel e caneta na mão. Conheci mais gente e almoçava com eles no Restaurante Universitário. Muita sinalização, mãos se mexendo rapidamente, e eu absorvendo muita informação em estado de hiperfoco.

Fui apresentada à língua de sinais, à cultura surda, à poesia visual, piadas, narrativas, ouvintismo, slams... E com o incentivo de um colega, inscrevi um projeto no edital de apoio da UFPE e fui contemplada. Tratava-se de uma oficina audiovisual entre mulheres lésbicas sinalizantes, isto é, surdas, ou ouvintes que soubessem Libras. Por advento da pandemia, adaptei a oficina para um perfil no instagram chamado @alinguaeossinais, onde seriam produzidos e postados vídeos em Libras com noções iniciais de roteiro, fotografia, arte, etc, para deixar esse conhecimento acessível à pessoa surda.

Depois desse projeto, chegando o momento de planejar o TCC, decidi fazer uma monografia sobre todas essas coisas que eu vivia falando e que todo mundo me perguntava na época de inscrição do Funcultura, edital de Pernambuco para cinema, música, dança, etc. Isso porque a ANCINE estava cobrando acessibilidade e os editais também estavam solicitando que as propostas contemplassem o público com deficiência.

Decidido o grande tema, restava reduzir o escopo. Recentemente, tive uma conversa intrigante com minha irmã, uma fotógrafa profissional de eventos (e eu, uma estudante de Cinema e Audiovisual, que tem horas cursadas em teoria e prática de fotografia, mas não pega em câmera). O aniversário da nossa avó estava chegando e nossa senhorinha querida tinha ouvido no rádio sobre o filme do Sidney Magal, queria que nós a levássemos. Pesquisando com minha irmã, vimos que o documentário distribuído pela Vitrine Filmes tinha saído de cartaz há algumas semanas. E foi onde tudo começou.

“Ah, documentário ainda... Achei que estavam fazendo que nem o do Elvis ou da Whitney Houston. Mesmo sendo imagens reais, não tem história com

começo, meio e fim, roteiro, figurino, trilha sonora. Eu quero emoção, efeitos especiais! Documentário é chato, eu queria ver filme.”

Eu senti o peso da classe documentarista do país tendo um tique nervoso na hora. Respondi: “Documentário é filme sim. Você nem assistiu.” e outras tantas defesas ressentidas. Eu estava fazendo o papel da pessoa que vive dentro dos muros da universidade. O senso comum do país diz: filme nacional não é a primeira opção para se assistir no cinema, e se for documentário então, nem pensar! Só umas poucas pessoas sérias, para não dizer chatas, vão estar nas exposições de documentários nacionais, ao invés de estarem no novo lançamento mensal epilético da Marvel/Disney.

E então eu pensei: meu TCC, sobre cinema surdo, quem é que vai querer saber disso? Eu quero falar com a comunidade surda, da qual participo, e provavelmente conseguirei divulgar minimamente minha pesquisa, em intersecção com a comunidade acadêmica, mas... E para pessoas como minha avó, sertaneja-doméstica-aposentada, minha irmã, fotógrafa-evangélica, fãs da Marvel sem deficiência sensorial, ouvintes que não fazem ideia de: “Que porcaria é cinema de surdo?”<sup>3</sup>. Como meu trabalho poderia chegar nessas pessoas?

Eu vi animações, ficções, documentários, com pessoas falando Libras em cena, ao longo de alguns anos frequentando espaços e festivais da comunidade surda. Como eu poderia contribuir com meu trabalho para que essas produções ganhassem mais visibilidade e a Libras fosse mais valorizada?

Após conversas com Sulamita e Cris, minha orientadora, que agradeço imensamente pelo acolhimento no departamento, superei o desafio de reduzir o escopo da pesquisa e apresento agora a vocês que lêem as problemáticas sobre as quais me debrucei.

Esse trabalho busca dar visibilidade às características da categoria Cinema Surdo, não buscando provar a existência desse fenômeno, mas analisando as obras que já circulam no nicho surdo, como um fato dado. Minha intenção é mostrar experiências de produção audiovisual em escolas e faculdades, sendo de grupos exclusivamente surdos ou mistos (com ouvintes) e fomentar o debate na sociedade e a inclusão da pessoa surda no mercado cinematográfico e audiovisual brasileiro. Também busco sugerir formas de reunir essas informações para dar maior legitimidade e acesso a essa produção.

Para chegar até aí, começarei explanando sobre a cultura surda para que possamos nos aproximar mais do tema, para quem não conhece, e depois passarei

---

<sup>3</sup> Em alusão à polêmica de alguns anos atrás em Recife, quando um cineasta questionou “Que p\*\*\*\* é cinema de mulher?”, gerando movimento de resposta por parte das cineastas ao organizarem debates e mostras de filmes com protagonismo feminino na frente e atrás das câmeras.

pela temática do cinema acessível, com base na experiência que tive de quatro anos trabalhando no Projeto Alumiar - Sessão Acessível do Cinema da Fundação Joaquim Nabuco.

Com isso, poderemos perceber características comuns a alguns curtas produzidos por pessoas surdas no Brasil nos últimos anos. Ao invés de analisarmos numa chave dicotômica de cinema surdo x cinema ouvinte, onde um é bom e outro é mau, tentaremos explorar as obras numa abordagem mais próxima ao sentido da convivência entre duas culturas diferentes, cuja relação de poder desigual pode ser reparada na perspectiva do anticapacitismo e do orgulho surdo. Assim, trabalharemos com o Cinema Surdo e possibilidade de um cinema inclusivo ao surdo, bilíngue em língua de sinais e português.

Quanto aos filmes que iremos abordar, consegui assisti-los uma ou duas vezes em festivais e muitas obras ainda não estão disponibilizadas na internet por estarem no circuito de festivais, não só no Brasil como internacionalmente. Consegui contatar alguns diretores e diretoras no projeto de extensão A Língua e Os Sinais, mas a comunicação por mensagem nem sempre foi constante, ágil e eficaz. Dessa forma, seus nomes serão referenciados para posteriores pesquisas e focarei em curtas disponíveis na internet, com destaque para obras da multiartista e militante surda Yanna Porcino.

Para dar rumo a essa construção teórica, utilizarei como fio condutor o conceito de Lente Surda (*Deaf Lens*, por Wayne Betts Jr., cineasta dos Estados Unidos), além de trabalhos prévios nossos também estarem baseados na valorização da língua de sinais em cena, conforme o conceito de *poética pós-fonocêntrica* (Bubniak, 2016), isso é, que tira a centralidade e o destaque da voz, da língua oral.

Essa primazia faz parte de todo um projeto político de inferiorização de surdos baseado em sua incapacidade de se comportar como ouvinte. Assim, surge o ouvintismo, audismo e também o capacitismo, todas formas de opressão que atravessam pessoas surdas mundo afora.

Essas opressões se sustentam no cotidiano pelas barreiras atitudinais, que são nossos comportamentos preconceituosos e internalizados, que nem percebemos mas acontece nas relações interpessoais. É a forma de a gente se colocar, falar e agir diante de PCD's, mesmo que pareça haver uma razão positiva por trás.

Um exemplo disso é quando impomos uma ajuda que sequer foi pedida e pode até ser indesejada, desnecessária, quando duvidamos que uma PCD é capaz de realizar algo. Infantilizá-las, tachá-las de 'anjinhas' ou 'exemplos de superação' também são práticas que reforçam o estereótipo de incapazes.

Ainda, a expressão ‘portador de deficiência’ não está mais em uso, afinal a pessoa não porta algo que pode escolher deixar em casa. Trata-se de uma condição. E essa condição não resume nem define a pessoa. Portanto, “Pessoa Com Deficiência” coloca o sujeito em primeiro lugar, sem reduzi-lo a uma condição específica, seja física, intelectual ou sensorialmente diversa, diferente da tida como padrão. Na dúvida, é melhor chamar a pessoa pelo nome.

Nesse sentido, podemos compreender que o movimento PCD estabelece um paradigma diplomático atual. Porém, o movimento surdo tem particularidades e nem sempre estará necessariamente atrelado a pautas PCD. Isso quer dizer que a comunidade surda defende uma perspectiva sociocultural da condição Surda, chamada atualmente de Surdidade/Surdalidade, tradução do conceito “*Deafhood*” em inglês, cunhado pelo pesquisador dos Estudos Surdos Paddy Ladd.

A inicial maiúscula de Surdo pressupõe justamente a afirmativa orgulhosa de uma identidade e cultura próprias, diferentemente do termo “surdez”, mais usado no contexto médico, clínico, em geral.

Agora que estamos na mesma página sobre todo esse campo conceitual, podemos avançar. Boa leitura!

## 2. CULTURA SURDA

Historicamente, os surdos foram vistos como incomunicáveis, seres sem fala, e daí derivou o chamamento ‘mudo’. Em 1880, ocorreu o Congresso de Milão, onde foi deliberado que a educação oralista era a melhor para educação de “surdo-mudos” e a sinalização seria proibida. *Surdo-mudo* e *mudinho*<sup>4</sup> são termos que herdaram essa história de opressão e desrespeitam a singularidade da pessoa surda, como se ela não tivesse fala e precisasse necessariamente aprender a ler lábios e oralizar, simular a fala oral, mesmo sem ouvir, que é a forma básica de aquisição das línguas orais: pela repetição.

Surdos podem se comunicar usando línguas de sinais, forma legítima e natural de expressão. Essas línguas são de modalidade visuo-espacial e quando faladas, chamamos de sinalização, ou simplesmente fala em Libras (ou a língua de sinais que for).

---

<sup>4</sup> “Mudinho”, poesia de Edinho, slammer surdo residente em São Paulo, disponível em: <<https://vimeo.com/242497402>> e “A dor do silêncio”, de Renata Freitas, surda poetisa residente em Fortaleza, disponível em: <<https://www.facebook.com/jessicacarrijo.libras/videos/poema-a-dor-do-sil%C3%A4ncio-v%C3%ADdeo-foi-feito-um-momento-muito-especial-para-todas-as/751924441936357/>>. Acessados em nov/2019.

Quem não escuta pode adquirir uma língua naturalmente, porque a língua de sinais pode ser vista e em seguida falada, com as mãos e com o corpo. Trata-se de uma língua com gramática e léxico, cuja fala é realizada por meio dos sinais. Um sinal é a menor unidade de sentido na língua de sinais, como uma palavra é para o português. Mas não há uma equivalência direta entre cada palavra do português e um sinal da Libras.

O português é uma língua oral-auditiva e as línguas de sinais são visuo-espaciais, onde a visão é responsável por receber a mensagem, ao invés da audição. Há ainda pessoa surdocegas<sup>5</sup>, que podem se comunicar em qualquer idioma desde que usando métodos específicos, como a Libras tátil.

Entendendo mais sobre a língua de sinais, principalmente a Libras, é comum circular a divulgação do 'alfabeto em Libras'. Você já deve ter visto nas escolas, em disciplinas de introdução à Libras nas licenciaturas, ou em campanhas governamentais e do próprio movimento surdo. Aliás, abril e setembro são meses históricos para o movimento Surdo. Você já ouviu falar do Setembro Azul ou Setembro Surdo?

FIGURA 1 - ALFABETO MANUAL EM LIBRAS



Fonte: <https://i.pinimg.com/236x/46/94/a4/4694a43c701519a4e34f08b45c8ca589--alfabeto-libras-manual.jpg>

<sup>5</sup> Mais sobre surdocegueira: <http://www.ame-sp.org.br/noticias/jornal/novas/tejournal14.shtml>.

Esse ‘alfabeto’ funciona como uma ponte de ligação para quando queremos mostrar em Libras alguma informação exclusiva do português, como ao soletrar um nome próprio ou uma palavra equivalente a um sinal. Em termos técnicos, o que vemos na figura acima é uma representação manual<sup>6</sup> das letras do alfabeto da língua portuguesa. Essas configurações de mão (a forma da mão e como estão os dedos) são utilizadas na datilologia, que é essa ‘soletração em Libras’.

Como muitos podem pensar, a datilologia não é a base da língua de sinais, afinal não vamos passar o conteúdo da nossa mensagem letra por letra, isso demoraria muito e não seria nada prático em situações cotidianas. A datilologia serve, de fato, como uma ponte linguística entre duas modalidades de língua (visual e oral).

Falando de mitos, a língua de sinais também não surge de uma equivalência direta de sinais com cada palavra de uma língua oral. Até porque línguas de sinais surgem tão naturalmente quanto línguas orais, não dependendo delas para se consolidar enquanto gramática e escopo de léxico. Isso significa que em lugares onde só há surdos sem contato com uma língua oral pode desenvolver-se uma língua de sinais. O que ocorre no contato é, sim, o intercâmbio, empréstimos, sem negar apagamentos que a língua oral exerce sobre a língua de sinais a partir da prática de seus falantes e da estrutura capacitista da sociedade.

Como uma vez a língua portuguesa foi para línguas nativas presentes em nosso território, o português também pode ser usado como ferramenta de colonização da Libras. As línguas de sinais passaram por uma longa história de opressão, como vimos no Congresso de Milão, e os surdos tinham suas mãos amarradas para trás, os olhos vendados e eles eram castigados fisicamente se sinalizassem.

Isso só reforçou o ouvintismo e de audismo, tipos de opressão que taxam as pessoas com base na (in)capacidade de ouvir e de se adequar ao modo de vida ouvinte. É uma institucionalização da maneira ouvinte de colonizar os povos surdos. (Bubniak, 2016, p. 32)

Após muita luta em diversas frente, as línguas de sinais foram reconhecidas em seu estatuto linguístico, certificadas em sua capacidade de expressar conceitos abstratos, e não colocadas como *linguagem* num sentido amplo de falta de estrutura e regras<sup>7</sup>. Por isso é tão importante compreender a história do movimento surdo e suas conquistas, para avançar. E que cada vez mais os surdos possam ser alfabetizados em sua L1 (língua nativa) e que não sejam submetidos violentamente ao oralismo nem ao isolamento.

---

<sup>6</sup> ‘Manual’ referindo-se a ‘mãos’.

<sup>7</sup> Para saber mais sobre gramática da Libras, consultar QUADROS & KARNOPP, 2004.

Hoje, alguns casos em que o poder aquisitivo permite ou em que há acesso por meio de agentes sociais ou educadores, a pessoa surda pode ser oralizada com métodos seguros, porém não livre de um embate com a própria comunidade, com a sociedade em geral e consigo mesma.

Os Estudos Surdos são um campo em extensão e também nos informam sobre as várias identidades que existem na comunidade: resoluta/orgulhosa, política, intermediária, híbrida, flutuante, diaspórica, D.A, entre outras.

Em suma, a autora Gladis Perlin, diz que:

“As diferentes identidades Surdas são bastante complexas, diversificadas, (...) ex: Surdos filhos de pais Surdos; Surdos que não tem nenhum contato com Surdo, Surdos que nasceram na cidade, ou que tiveram contato com Língua de Sinais desde a infância, etc... (...) Em todo caso, para a construção destas identidades impera sempre a identidade cultural, [que] se caracteriza também como identidade política, pois está no centro das produções culturais. (adapt. Perfil, 2002, pp. 15-16, in Revista Feneis nº 14)

Para Perlin, o que une os sujeitos surdos é a experiência visual, e diz que se a pessoa tem audição, como no caso da identidade intermediária, não pode ser surda. Mas vinte anos após seus escritos, algo que ela mesma diz pode ser usado para questionar essas fronteiras. “A identidade surda não é estável e está em contínua mudança”.

Com essas informações, a sociedade tem entendido que a Libras não é o mesmo que gestos ou mímica e que existe uma diversidade, vide a Língua de Sinais Americana (ASL), Língua de Sinais Francesa (LSF), Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB)<sup>8</sup>, da mesma forma que não falamos a mesma língua em todo o planeta e existe uma infinidade de línguas orais, como o português, espanhol, guarani.

A Libras também teve seu ensino obrigatório em diversos cursos superiores e foi assegurado o atendimento pleno das pessoas surdas em serviços públicos de saúde e educação, levando ao debate sobre a criação de escolas bilíngues e à regulamentação da profissão de Tradutor-Intérprete de Língua de Sinais (TILS).

A presença de TILS já marca grandes eventos nacionalmente. Em Recife, por exemplo, está nos palcos principais do Carnaval e do São João. O ofício de tradução-interpretação cria pontes entre os mundos surdo e ouvinte.

Toda a discussão busca se afastar do entendimento de surdez enquanto patologia clínica e ao mesmo tempo se aproximar do entendimento de ser Surdo

---

<sup>8</sup> Ver VILHALVA, Shirley. “Mapeamento de Língua de Sinais Indígenas”. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92972>>. Acesso em nov/2019.

enquanto uma identidade cultural, que tem na língua sua expressão máxima de pertencimento<sup>9</sup>.

“Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de um povo surdo”. (STROBEL, 2008, p.22 apud SIQUEIRA, 2013, p. 82)

Os artefatos culturais que compõem a cultura surda são: experiência visual, desenvolvimento linguístico, família (se os pais são surdos ou ouvintes, por exemplo), literatura surda, a vida social e esportiva, artes visuais, e a política (STROBEL, 2009, cap. 4).

Cada artefato abarca diversos elementos e possibilidades de articulação, permitindo pensar assim em culturas e identidades surdas no plural. A autora Karin Strobel expõe vários relatos (seus e de outrem) sobre barreiras de comunicação e isolamento sofridos pela criança surda na falta de referenciais e de uma comunidade. Strobel mostra relatos de crianças que pensam que elas não vão viver muito, pois não vêem nenhum adulto como elas. Os adultos conversam até com animais de estimação, mas não com elas.

As histórias que se apresentam confirmam a língua de sinais ser um caminho para a estima de si e a afirmação orgulhosa de ser surdo, tendo a literatura como meio de transmissão cultural e reforço identitário em comunidade.

A comunidade surda é o que dá esse suporte, unida por meio da cultura, língua, crenças, valores e hábitos, composta por pessoas surdas mais as pessoas ouvintes, que podem ser familiares de surdos, amigos, intérpretes, e aquelas que se aproximam pelo idioma, porque se interessam ou querem se profissionalizar, e passam a socializar com o grupo e participar ativamente da comunidade, tornando-se aliados e aliadas na luta por direitos.

### **3. ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL PARA SURDES NO CINEMA**

Na área cinematográfica, a Ancine, Agência Nacional do Cinema, publicou a Instrução Normativa nº 132 em 2017 - atualizando IN's prévias de 2016 e 2014 - que tornou obrigatórios os recursos de acessibilidade comunicacional em obras financiadas por recursos públicos federais geridos pela agência.

---

<sup>9</sup> A Lei nº 10.436/2002, conhecida como Lei de Libras, oficializa a Libras como segunda língua nacional, própria das comunidades surdas brasileiras.

O prazo para que os exibidores equipassem suas salas expirou. E foi prorrogado. E expirou novamente. E foi prorrogado novamente. Mais algumas vezes. Em setembro de 2022, a IN 165 bateu o martelo e está vigente, sendo responsabilidade dos exibidores (as salas de cinema comercial, de shopping, e etc) oferecer equipamentos que permitam usufruir das obras com os recursos de acessibilidade, em TODAS as sessões comerciais, sempre que solicitado pelo espectador.

Já fornecer o material acessível é de responsabilidade do distribuidor, o que permite que produtores não pensem na acessibilidade desde a pré-produção de sua obra, em termos estéticos, e que acabem contratando (e terceirizando) o serviço apenas para cumprir tabela, deixando um grande desafio a nós que produzimos acessibilidade comunicacional de produtos audiovisuais.

Muito ainda está por ser implementado<sup>10</sup>, mas se está caminhando para a divulgação e maior conhecimento do funcionamento dos aparelhos, tanto por parte dos exibidores quanto por parte do público. A IN deixa em aberto com relação a que aparelhos e de qual empresa comprar, mas as soluções apresentadas em larga escala são a de visionamento da Libras ou da LSE no próprio smartphone do usuário. A pessoa tem que ficar olhando para a telinha e para a telona e esse passeio visual não é tão eficaz.

A TV também tem regras específicas, longe de estarem sendo plenamente cumpridas, mas há profissionais sérios em alguns núcleos como o da TV Aparecida, TV Escola e, notadamente, a TV INES, toda em Libras, do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro. Infelizmente, a TV INES saiu do ar por falta de recursos.

No ambiente televisivo, a maior presença de recurso de acessibilidade é o da Closed Caption (CC), ou legenda oculta, com características diferentes da LSE, principalmente por ser feita ao vivo, carregando um atraso nas informações e uma taxa de erros significativa sempre em busca de ser diminuída ou neutralizada. Já a interpretação em Libras não está tão disponível como a legenda oculta em programas de TV. Por esses e outros motivos, o público com deficiência têm buscado se profissionalizar e se inserir no mercado audiovisual cada vez mais.

### 3.1. LEGENDA PARA SURDOS E ENSURDECIDOS - LSE

A LSE (Legenda Descritiva, segundo a Ancine) é um recurso com especificidades em relação à legenda comum, presente em filmes estrangeiros.

---

<sup>10</sup> Vídeo sobre denúncia feita por Marcelo Pedrosa, criador da campanha nacional “Legenda pra quem não ouve, mas se emociona” (<https://www.legendanacional.com.br/>), contra a rede de cinemas UCI de Recife alegando irregularidades na acessibilidade. Disponível em: <https://www.facebook.com/legendanacional/videos/791101114658400/>>. Acesso em nov/2019.

Essa legenda no filme estrangeiro se trata de uma tradução interlingual, isto é, que traduz um texto de uma língua para outra, conforme as categorias clássicas de Roman Jakobson, linguista russo.

Já a LSE se trata de uma tradução intralingual, que é feita dentro da mesma língua. No caso, em sua modalidade falada para sua modalidade escrita. A legenda também é uma tradução intersemiótica, transpondo signos não-verbais (como letreiros na cena) para signos verbais (palavras na legenda).

Então, além de trazer as falas do filme, a LSE conta com outro ponto crucial: “Por ser voltada, prioritariamente, ao público Surdo e Ensurdecido, a identificação de personagens e efeitos sonoros deve ser feita sempre que necessário.” (grifo nosso, Guia Orientador para Produções Audiovisuais Acessíveis, 2016, Minc). Esse guia<sup>11</sup> foi organizado por pesquisadores e pesquisadoras referência no âmbito da legendagem para surdos, como a professora Vera Lúcia Santiago Araújo.

Seguindo essa definição, quem fala na cena precisa ser identificado na legenda, como no exemplo “[Personagem 1] Fala aqui”. Isso é explicitamente necessário em momentos que a pessoa surda poderia perder a referência de quem está emitindo o som ou falando algo, por exemplos em cenas com voz off, voice over, ou em planos-detalhe, planos onde a pessoa está de costas, etc.

O segundo ponto mencionado no guia trata de sons fora de campo e também extradiegéticos que sejam extremamente relevantes para a narrativa. Sons fora de campo podem ser uma explosão, uma chaleira apitando, um cochicho em outra sala. E sons extradiegéticos são aqueles dos quais as personagens na história não tem consciência, por exemplo uma música que anuncia a proximidade do protagonista com o vilão do filme, um coração batendo ou tique-taque do relógio.

Esses elementos envolvem a gente na narrativa e acabam se ‘camuflando’ para nós, quase não os percebemos. Geralmente é assim no cinema narrativo tradicional, o objetivo é não nos darmos conta de que estamos em uma sala de cinema, mas sim nos transportarmos para o universo do filme e morar ali por um instante. Essa atmosfera precisa ser acessível ao público que não escuta.

Entendendo essas regras principais, há ainda questões mais técnicas para elaboração da LSE, como limite de caracteres por linha, velocidade ideal de caracteres por segundo e a quebra de linha segmentada de acordo com certos parâmetros linguísticos, evitando sintagmas cortados ao meio. Esse ponto podemos ver em legendas nas redes sociais, que devido à agilidade requisitada de postagem

---

<sup>11</sup> Guia de produções acessíveis no Minc, disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjbslCnvs3-AhVPBLkGHS8QDxQQFnoECBAQAQ&url=https%3A%2F%2Finclusao.ena.gov.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2018%2F05%2FGuia-para-Producoes-Audiovisuais-Acessiveis-com-audiodescricao-das-imagens-1.pdf&usq=AOvVaw32lAxchK7NXJ4W9-6dU2FhA>>. Acesso em abril de 2023.

nesse ambiente, as pessoas se utilizam da legenda automática dos aplicativos e não se atentam aos fatores acima mencionados.

Não se trata de um julgamento de valor colocando a LSE como superior à legenda automática comumente vista nas redes sociais, mas cada uma tem um contexto de circulação. E, de fato, para elaborar a LSE é preciso capacitação técnica, estética e tradutória. Nas redes sociais, as pessoas podem assistir ao vídeo várias vezes caso não entendam a legenda e os vídeos geralmente são curtos.

Uma outra questão para legenda no cinema é que, às vezes, os filmes vem com certas partes já legendadas, por escolha estética e narrativa. Por exemplo, quando há um personagem estrangeiro e a direção faz questão que os espectadores compreendam o conteúdo da conversa. Nesse caso da legenda no material original, é preciso fazer uma escolha por cobri-la ao inserir a LSE com fundo de cor sólida, ou posicionar a LSE em outra área do quadro, como o topo ao invés do rodapé.

Em outros países, é possível perceber ainda um posicionamento da legenda mais às laterais acompanhando a personagem que fala. Pablo Romero-Fresco, vindo ao Recife por ocasião de um encontro Alumiar, palestrou sobre legendagem criativa e citou essas estratégias, bem como o padrão europeu que difere personagens principais e secundários pelo uso das cores.

Enfim, há muitas possibilidades para esse recurso de acessibilidade comunicacional e é muito interessante refletir sobre os caminhos da LSE, porém há ainda pouco investimento. O essencial é contar com uma consultoria de pessoa surda usuária de legenda para apontar ajustes e melhorar a qualidade, legitimar esse serviço. Como diria o lema das PCD, “Nada sobre nós sem nós”.

### 3.2. TRADUÇÃO AUDIOVISUAL EM LÍNGUA DE SINAIS - TALS

A Tradução Audiovisual em Língua de Sinais é comumente vista como janela de Libras na TV, mas no cinema ela tem se afastado desse fundo destacado e bem recortado, dado que no cinema há mais possibilidades estéticas de se pensar o recurso. Justamente por isso é que é possível a Tradução Audiovisual<sup>12</sup>.

“Porém, destacamos que o projeto Alumiar optou por uma JL de fundo transparente sobreposta ao filme. Acreditamos que dessa forma conseguimos um resultado que contempla a harmonia entre a legibilidade da janela e o mínimo de intervenção na obra traduzida, já que a janela de fundo transparente utiliza menos espaço de sobreposição.”  
(Oliveira e Vasconcelos, 2019, p.34)

---

<sup>12</sup> Consultar o capítulo sobre Janela de Libras no Livro Alumiar, pp. 32-33.

Quando o filme se trata de uma história infantil, é interessante adicionar vários intérpretes, cada um com um figurino que combine com a personagem associada. Assim, o público poderá se identificar mais com a interpretação em Libras. Exemplo formidável desse trabalho é feito pelos Testemunha de Jeová, com vários vídeos disponíveis no youtube. Em outros contextos, como num filme em preto e branco, pode-se optar por editar o intérprete de Libras também nesse padrão de cores, para surtir maior efeito de conexão com a obra.

A técnica de captação de uma interpretação em Libras depende de um estúdio equipado e bem conhecido por profissionais do audiovisual. É preciso haver uma iluminação adequada para evitar sombras no fundo verde, um tripé para o enquadramento fixo da câmera e retorno do material audiovisual para a pessoa se orientar na interpretação. Um boletim de câmera é encaminhado para quem for editar e a pessoa insere a Libras em uma camada sobreposta ao filme, num tamanho razoável para visualização e entendimento. O sugerido é metade da altura da tela e um quarto do comprimento, alinhado à direita.

Sobre a consultoria de TALS, assim como a da LSE, temos que:

“A atividade de consultoria em Libras é feita por pessoas surdas devidamente qualificadas para este fim. A atuação destes profissionais é uma necessidade indispensável que deve ser incluída por equipes e profissionais responsáveis pela produção da Libras em filmes, teatros, exposições, músicas, dentre outros produtos e eventos. O papel de consultoria em Libras é avaliação técnica da qualidade, eficácia, pertinência e funcionalidade do produto traduzido. Os consultores, por serem usuários de língua de sinais, vivenciam e conhecem profundamente as características singulares do povo surdo, sua identidade e sua cultura. (Oliveira e Vasconcelos, 2019, pp. 34-35)

Para mais informações sobre a TALS, consultar o artigo completo de Oliveira e Vasconcelos.

### 3.3. PROJETO ALUMIAR E CINE SURDO

A Fundação Joaquim Nabuco, Fundaj, e seu Cinema da Fundação, foram pioneiros no Brasil em exibir regularmente em sua programação filmes nacionais com acessibilidade. O Projeto Alumiar, nascido em 2017, acessibilizou 21 filmes nacionais de relevância histórica e estética, contando com muitos títulos pernambucanos, e realizou sessões gratuitas e com acessibilidade aberta (disponível a todos no cinema, ‘queimado’ no filme) para público espontâneo e grupos de pessoas com deficiência e turmas de escolas públicas.

Durante quatro anos, trabalhei no projeto como assistente de produção, lidando diretamente com o público. Houve situações incríveis de pessoas indo assistir a um filme no cinema pela primeira vez, pessoas com deficiência assistindo a filmes com acessibilidade e tendo maior compreensão da obra, surdos que pensaram que a exibição seria apenas com legenda e se surpreenderam com a presença de Libras na tela, experienciando uma profunda e feliz identificação.

O projeto também contou com Encontros Alumiar, para discussões e oficinas entre produtores e cineastas, público interessado e pessoas com deficiência. Luana Corrêa, Deise Medina, Flávia Machado e Jonatas Medeiros são alguns dos profissionais referência em acessibilidade que estiveram no Recife.

Em 2018, surgiu em Brasília o projeto Cine Surdo<sup>13</sup>, com o objetivo de exibir filmes nacionais novos e em lançamento com LSE. Também gratuitos e com debates acessíveis pós-filme, com interpretação em Libras. As exibições foram de manhã aos finais de semana, entre setembro e dezembro.

Que cada vez mais iniciativas como essa aconteçam e que a lei e as IN's da ANCINE sejam cumpridas e fiscalizadas. É importante defender que a acessibilidade seja pensada para a obra desde a pré-produção do filme. Assim, não haverá saias-justa para a edição na hora de posicionar a Libras, porque uma parte importante do quadro estará sendo coberta. A fotografia pode pensar nisso como um fator estético, e não algo que limite a criação.

## 4. CINEMA SURDO

No projeto Alumiar, também houve surdos que não gostaram da tradução por acharem que a Libras estava em segundo plano, pequena, a serviço de uma obra ouvinte. Eles queriam ver a cena falada em sua língua, a história e a narrativa dentro do universo surdo. Apesar de toda a acessibilidade que possa haver, o sujeito tem a necessidade de expressão a partir da própria vivência e percepção de mundo. Por isso, não só a acessibilidade e tradução são cruciais para a inclusão, como também a própria produção científica e artística dessa população, em sua língua nativa.

Dito isso, num cenário em que vai ao ar uma série bilíngue<sup>14</sup>, produzida em ambiente universitário e transmitida na TV Cultura, queremos seguir o exemplo e

---

<sup>13</sup> <https://www.instagram.com/p/Bn4lhxWlgMo/>

<sup>14</sup> A série Crisálida, produzida na UFSC com grande participação de surdos, conta quatro histórias de emblemas na comunidade surda, havendo em todos os casos as problemáticas e desafios do contato entre os dois mundos.

fortalecer o uso da língua de sinais, disseminá-la para além dos muros da universidade e promover a interação entre ouvintes e surdos através do audiovisual.

Também partimos das premissas da necessidade (na frente e atrás das câmeras) de representatividade étnico-racial e de diversidade sexual e afetiva, que vá além da (comumente desracializada) branquitude e dos padrões cisheteronormativos.

No início dessa pesquisa, um dos eixos que orientava nossa perspectiva era o universo lésbico e sapatão. Baseamo-nos na pesquisa do GEMAA<sup>15</sup>, que diz a cara do cinema nacional ser branco, e trabalhos aqui e acolá que analisam as problemáticas da representação lésbica<sup>16</sup> no cinema nacional, quando existente. De lá para cá, minha vontade com relação ao foco da pesquisa mudou.

Numa revisão bibliográfica sobre Cinema Surdo, encontramos muitos trabalhos que focam em espectadorialidade, ou melhor, na relação do surdo com o cinema, principalmente para melhora do processo de aprendizagem e do processo de inclusão nas escolas, na educação formal. Em seguida, há mais trabalhos que pesquisam a representação surda em filmes<sup>17</sup>, na busca de ferramentas de mediação e provocação de debates em esferas sociais, seja nas escolas ou fora delas.

Em seu artigo “*A Gangue*: mudanças de paradigma na representação do surdo no cinema”, Tatiane Monteiro Cruz aponta para dois tipos de representação da pessoa surda no cinema: um em que predomina o estereótipo da vítima incapaz, oprimida, objeto do discurso, e outro em que o surdo é visto como sujeito, com consciência e subjetividade, sem infantilização ou coitadismo. Esse último, segundo a autora, é o caso do filme ucraniano *A Gangue* (2014).

Além do artigo de Cruz, há alguns outros estudos brasileiros analisando filmes de maior circulação internacional, ou então recomendando filmes que ‘conscientizam’ a sociedade ouvinte sobre a realidade de exclusão do surdo, com um intuito didático-pedagógico. Também existem estudos em língua estrangeira sobre cineastas surdos que têm mostrado suas obras em festivais específicos mundo afora (EUA, China, Argentina, ...).

---

<sup>15</sup> <http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/>

<sup>16</sup> [https://associado.socine.org.br/anais/2017/17110/rica\\_ramos\\_sarmet\\_dos\\_santos/estrategias\\_de\\_representacao\\_do\\_desejo\\_lesbico;](https://associado.socine.org.br/anais/2017/17110/rica_ramos_sarmet_dos_santos/estrategias_de_representacao_do_desejo_lesbico;)  
[https://associado.socine.org.br/anais/2016/16412/rica\\_ramos\\_sarmet\\_dos\\_santos/cinema\\_lesbico\\_experimental\\_permanencias\\_e\\_atualizacoes;](https://associado.socine.org.br/anais/2016/16412/rica_ramos_sarmet_dos_santos/cinema_lesbico_experimental_permanencias_e_atualizacoes;)  
<https://www.socine.org/encontros/trabalhos-aprovados-2019/?id=18446;>  
[https://revistahibrida.com.br/home/revista/edicao-1/cade-as-sapatos-no-cinema-nacional/;](https://revistahibrida.com.br/home/revista/edicao-1/cade-as-sapatos-no-cinema-nacional/)  
[http://revistageni.org/12/representatividade-lesbica-no-cinema-nacional/;](http://revistageni.org/12/representatividade-lesbica-no-cinema-nacional/)  
[http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/127498/137305.](http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/127498/137305)

<sup>17</sup> <https://doi.org/10.20396/resgate.v28i0.8656750>

A dissertação de mestrado de Fabiana Bubniak de 2016 também discorre sobre *A Gangue*, no entanto aponta para o protagonismo dos surdos na realização artística, e então a usaremos de guia para essa parte do TCC, aplicando esses estudos prévios a um novo campo: o incipiente, tímido e crescente circuito de cinema surdo brasileiro, graças a eventos como o Festival Despertacular de Cultura Surda que ocorre em Brasília - DF desde 2018.

Bubniak, em um artigo de 2022, colabora com a visão mencionada sobre a representatividade surda nos filmes.

“Durante o processo de escolha dos filmes a serem exibidos no Cineclube Surdo, houve uma dificuldade em encontrar obras dirigidas por surdos. Das dez sessões, três contaram com filmes de diretores surdos. Esse fato vem corroborar a ideia que o sujeito surdo ainda não tem uma voz presente na mídia, principalmente no contexto da direção de filmes. Já nos filmes que contam com personagens surdos, nem todos retratam a cultura surda de uma maneira fiel, colaborando para ratificar a posição de vitimização em que os personagens surdos se encontram no cinema”. (Bubniak e , 2022, p. 163 in Rodrigues, Costa e Vieira-Machado)

Wayne Betts Jr. foi um aluno da Gallaudet, faculdade para surdos situada nos Estados Unidos. Em 2010, Betts apresentou uma palestra intitulada “*Deaf Lens*”, em português “Lente Surda”. Ele inicia compartilhando alguns casos de sua vida, de sua identidade surda e da jornada na carreira cinematográfica.

Uma das situações é a de um professor ouvinte que solicitou como atividade uma “expressão visual” dos alunos. Para exemplificar, ele exibiu um curta-metragem de autoria própria que começava logo de cara com uma câmera deslizando sobre seu corpo nu, num movimento que a fotografia de cinema chama de ‘tilt’. Em seguida, muitas tomadas que pareciam aleatórias para Betts. O professor contou que havia uma música guiando aquela narrativa e era uma abstração de sua vida. Ele queria o mesmo dos alunos.

Essa influência do som talvez tenha sido tão introjetada no inconsciente de Betts, assim como de outras pessoas surdas, que seja o motivo de ele ter realizado uma cena sinalizada, onde um dos surdos ao final recorria a um telefone. Algo que o palestrante diz não entender até então, mas que nos deixa essa pista do efeito do ouvintismo e do audismo na subjetividade de um cineasta surdo.

Sobre o conceito de Lente Surda propriamente dito, ele nos apresenta três elementos: roteirização em sinais, câmera fluida e narração.

O roteiro, tendo a função de guiar toda a equipe da produção, os atores, etc, deve ser sinalizado, afinal a língua de sinais já tem uma gramática atrelada ao espaço físico que garante a ela uma condição cinemática, facilitando a visualidade

da ideia do filme. Desse modo, todos poderiam consultá-lo em sua língua nativa sem barreiras comunicacionais.

A câmera fluida, na mão, seria uma forma de solucionar o problema constante de mãos saindo de quadro e prejudicando o entendimento da sinalização e daria a pessoa mais liberdade para caminhar pelo espaço e gravar conforme a ação, seguindo a fala das personagens em cena. Assim, Wayne apresenta uma cena em uma sala de aula, onde as pessoas estão em roda, artefato cultural da comunidade surda, e a câmera se movimenta rapidamente até uma pessoa que fala, em seguida volta e se fixa algum tempo em outra pessoa e assim vai. Além disso, uma legenda 3D flutua em frente ao busto de cada personagem, não estando fixa no rodapé, descolada do contexto visual.

A narração seria o terceiro elemento para Betts a compor as características de uma Lente Surda, onde poderia haver um narrador em cena sinalizando e compondo o quadro junto das outras imagens. Alguns anos antes da palestra, ele dirigiu o curta *Sinais Vitais*, que apresenta uma estética semelhante a *Visual Vernacular*, ou *VV*. É um tipo de *Literatura Surda* parecido com uma contação de história, mas sem sinais propriamente ditos, e sim com uma sinalização visualmente icônica.

No curta *Sinais Vitais*, um narrador conta a história de um acidente de carro e é deslocado dentro do quadro, alternado com planos detalhe de dentro do veículo e tomadas da rua e do percurso.

FIGURA 3 - FILME “SINAIS VITAIS” 1



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ocbyS9-3jjM>

FIGURA 4 - "SINAIS VITAIS" 2



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ocbyS9-3jjM>

Esse conceito sistematizado por Betts contribui para a ideia de filmes serem uma expressão 'natural' ou muito afim à cultura surda. Principalmente, a questão da montagem, especificidade do cinema, é o terreno a se explorar entre realizadores audiovisuais surdes.

Em 2020, pelo projeto de extensão A Língua e Os Sinais, pedi depoimentos de alguns diretores e diretoras. Pammelleye "Pammy" Katherinne, em seu relato, conta que sua experiência começou com o Surdo Cinema<sup>18</sup>, uma capacitação de

<sup>18</sup> <https://www.apadadf.org.br/pt-br/projeto-surdo-cinema-2>

sete meses em cinema e produção de filmes, realizado pela Apada - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos -, em Brasília.

Os alunos tiveram acesso a câmeras e notebooks para captar e editar filmes de curta-metragem, além de poderem desempenhar funções diferentes em cada produção. Pammy dirigiu “Não me toque”, que tem como temática o assédio, e também foi atriz, produtora, assistente de elenco e editora em outros curtas.

Durante o período das filmagens e após os filmes estarem prontos e serem exibidos, houve grandes debates entre os alunos e com a sociedade em geral, sobre temas importantíssimos como direitos humanos, família, política, e nas palavras de Pammy,

“É importante que o projeto pense em acessibilidade e mostre à sociedade que os surdos podem sim trabalhar em qualquer área do cinema e valorizar a nossa língua de sinais, podemos produzir filmes bilíngues. No Brasil aos poucos tem novos filmes com profissionais surdos com a identidade e cultura surda.” (depoimento concedido à autora em outubro de 2020 via aplicativo de mensagem, em Libras e em português escrito).

A cineasta também cita a proximidade com seu amigo no projeto, Luércio de Souza, que dirigiu o filme O Último Livro, com um protagonista negro surdo que está trabalhando para bancar os estudos universitários e é aterrorizado pelas mazelas sociais.

Outros títulos exibidos em Brasília foram Libras é merda?, O Corpo da Liberdade, A Boneca de Sangue, Lutador de Sinais e É o Cabelo que Escolhe. Lutador de Sinais é uma animação divertida em estilo de videogame e É o Cabelo que Escolhe é uma produção de alunos de Letras-Libras da UFPE, em disciplina ministrada por Cristiano Monteiro, notável pesquisador de Literatura Surda no Brasil. Os demais curtas tematizam violência de gênero contra mulheres surdas bem como questionam o status inferior que a sociedade impõe ao surdo.

A problemática do abuso sexual contra surdos é um tema recorrente nas rodas de conversa dentro de comunidade e trata-se de uma questão social grave subnotificada. Nesse sentido, o curta documentário Seremos Ouvidas, de Larissa Nepomuceno, Curitiba, 2020, busca visibilizar a luta através desse recorte de gênero destacando as histórias de superação e também o trabalho e as potências de três mulheres surdas.

São elas Gabriela Grigolom, poetisa; Celma Gomes, psicóloga; e Klicia Campos, cordelista. O curta também conta com consultoria de Giuliano Robert, fotógrafo surdo envolvido em produções de grandes plataformas de streaming. Em um contato há alguns anos, Giuliano comentou que estava produzindo seu primeiro longa-metragem e que seria o primeiro em Libras a ser lançado comercialmente,

falando sobre cultura e identidade. Vamos torcer para chegar essa e mais produções!

O estilo do documentário de Nepomuceno é clássico, intercalando os depoimento das mulheres em enquadramentos fixos a um dispositivo de condução da narrativa, que se trata de uma peça cinzenta sendo modelada e esculpida, mostrada em planos detalhe, até revelar-se no final como uma figura 'feminina' (um corpo com seios).

É o Cabelo que Escolhe, dos alunos da UFPE, trata-se de uma produção mais próxima ao estilo da trama de novela, com vários núcleos de personagem, que se cruzam por meio do mote principal. Esse mote é uma sereia-medusa que surge do mar e seduz as pessoas nas quais seu cabelo se entrelaça. A trama organizada pela turma, toda em Libras, se centra na atuação de estilo expansivo e dramático.

Falando de Recife, uma estudante do curso, chamada Yanna Porcino, natural da Paraíba, tem realizado várias obras audiovisuais ao longo dos últimos anos. Ela é poeta visual e desenhista e dedica um perfil no instagram à divulgação de suas poesias e demais criações artísticas.

Nesse perfil, chamado Meus Sinais Expressam, há uma postagem que chama atenção. É um Stop Motion com o título "Padrão de Beleza". Em depoimento concedido à autora em outubro de 2021, Yanna conta mais sobre seu processo de criação de conteúdo para a rede social:

Eu escolho um tema, como 'padrão de beleza', e crio uma reflexão poética a partir daquilo. A maioria da sociedade não conhece a Libras e a Literatura Surda, então eu quis optar por uma estratégia [de Stop Motion] que gerasse conexão, para as pessoas compreenderem minha mensagem. (Porcino, 2021, tradução da Libras pela autora)

Yanna fala sobre a técnica de animação, como posicionar e fixar a câmera, como não mover muito os objetos para não quebrar o efeito, etc, colaborando com a ideia de que a Língua de Sinais é cinemática, quase como se o cinema fosse uma expressão natural dos povos surdos.

O curta apresenta um rosto sendo todo transfigurado, com materiais animados diversos, e Yanna representando uma poesia. Ela diz:

"Uma questão era como conjugar as duas sequências que eu tinha criado, a das fotos e a da sinalização da poesia. Na edição, eu queria um paralelismo forte entre cada corte, era o efeito que eu queria criar. Aí sim, no final de tudo isso, a emoção foi intensa demais, realmente levei ao pé da letra a expressão 'mãos a obra'. Vamos ver o que eu produzi no futuro, desejo ter mais stop

motions no portfólio. Amo muito e sempre sou espectadora dessas obras no cinema.” (Porcino, 2021, tradução da Libras pela autora)

Nesse mesmo ano, Yanna realizou outra obra, que só postaria recentemente. Intitulada “Processo de Luto”, na legenda da postagem ela explica que foi resultado de um trabalho durante o curso FrontRunners na Dinamarca, um programa de Liderança para Juventude Surda com duração de 9 meses.

Um dos grandes problemas do cinema nacional, que dirá cinema surdo e cinema em Libras, é a distribuição e circulação das obras. E a experiência de assistir a filmes tem se transformado nos últimos anos, não só por conta da pandemia, mas foi um dos fatores que impulsionou o crescimento dos streamings. Assim, filmes, e não apenas ‘vídeos’, têm circulado nas telinhas, como o filme de Yanna, que no início conta com uma indicação para rotacionar a tela do celular e deixá-lo na horizontal.

FIGURA 2 - “PROCESSO DE LUTO”



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CqEOzemOLZI/>

No curta, Yanna realiza uma performance num campo, vestida com regata e calça e um véu preto cobrindo o rosto. Em plano próximo zenital (visto de cima), ela faz movimentos contorcidos. Em plano geral, dividindo espaço com uma árvore baixa de copa frondosa, Yanna caminha sem rumo, perdida e com o véu no rosto.

Ela se depara com frutos vermelhos pequenos, que destroça em imagem acelerada, afunda os dedos na areia, e então tira seu véu e abre a boca num grito

silencioso. O véu cai, ela tem uma expressão aliviada, pega areia na beira da praia e caminha de costas pro mar, até se limpar e se erguer renovada. Um último plano, de volta ao ambiente da árvore, a mostra caminhando de maneira cambaleante mas que passa a ter uma postura ereta, tranquila e firme, terminando de cruzar o espaço para a direita.

Segundo Yanna, o filme era para “expressar meus sentimentos e mostrar quem eu sou de verdade”. Como se fosse a atividade de “expressão visual” pedida pelo professor ouvinte a Wayne Betts Jr.

Outra experiência relevante é a do Signatores, companhia de teatro de surdos formado em 2010, na cidade de Porto Alegre (RS). “A possibilidade de experimentação na interface da utilização corporal da língua de sinais e da linguagem teatral foi o ponto de partida para a pesquisa do Signatores”, segundo artigo no blog de agenda cultural Pics.

Eles foram selecionados por um edital da Cultura Inglesa para apresentação de espetáculo, mas com a pandemia adaptaram a peça para audiovisual, surgindo o projeto fílmico “Romeu e Julieta em Libras”.

O curta apresenta uma visão contemporânea dos embates da comunidade surda na sociedade brasileira e faz uma crítica aos programas televisivos sensacionalistas. Carregando ainda a semente do teatro, o curta explora demais os elementos audiovisuais da montagem em paralelo e da iluminação cinematográfica.

E podemos elencar mais e mais experiências de produção de filmes por pessoas surdas, como em Costa, 2020, que fez uma oficina com crianças surdas em escola de São Carlos, ou projeto similar na cidade de São Paulo, chamado Surdo Faz Cinema. Pammy, Giuliano, Yanna e outros tantos estão prometendo mais produções por vir.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante algum tempo, quebrei a cabeça com a restrição do meu escopo para contemplar “cinema” e não “audiovisual”. Sem entender muito bem o porquê desse critério, eu apenas queria, porque queria, focar na experiência da produção de filmes e posterior visualização envolvendo o contexto da telona, pensando pelo modo como conheci os filmes - em festivais de nicho.

No entanto, eu seria bem pragmática se não buscasse obras que estão sendo veiculadas na internet. Na próxima década, haverá mais trabalhos acadêmicos sobre protagonismo da pessoa surda não só focando em atores e atrizes surdes, mas também na produção por parte de pessoas surdas, isto é,

profissionais de audiovisual que estejam fazendo seus roteiros, suas fotografias, suas edições.

Pernambuco tem uma forte comunidade e influenciou o cinema local em obras como “A Onda Traz, O Vento Leva”, de Gabriel Mascaro, com protagonismo surdo e produção da animadora surda e produtora executiva Tatiana Martins, ou O Menino que Morava no Som, além das obras citadas nesse trabalho.

Uma experiência da autora, ouvinte, com atores surdos, citada em trabalhos nossos prévios, também nos aproxima de uma pedagogia para um cinema misto e inclusivo que promova a cultura surda e suas línguas de sinais diversas. Até porque a Libras não é a única língua de sinais do nosso território. Por que não pensar em produções cinematográficas indígenas em línguas de sinais usadas nessas comunidades ou a língua de sinais de nome “Cena”, usada no Piauí.

Com esse trabalho, foi possível demonstrar que o Cinema Surdo só cresce e precisa de mais atenção, é rico em estética e narrativa, além de ser ferramenta em prol da inclusão. Que haja mais profissionais do audiovisual surdos se capacitando, e para isso precisamos de acessibilidade real nos cursos. Que haja mais equipes só de surdos, mais equipes mistas de surdos e ouvintes e mais ouvintes aliadas à causa.

## 6. REFERÊNCIAS

PERLIN, Gladis. **Identidades Surdas**. In: Revista Feneis 14 de 2002. Disponível em: <[https://issuu.com/feneisbr/docs/revista\\_feneis\\_14](https://issuu.com/feneisbr/docs/revista_feneis_14)>. Acesso em abril de 2023.

SELVATICI, Carolina. **Um breve panorama da Legenda Fechada para Surdos e Ensurdidos**. Tradução em Revista 11, 2011/2, p. 24. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=18849@1>>. Acesso em abril de 2023.

FARACHE, Ana (org.). **Alumiar: uma experiência de cinema acessível**. 2018. Disponível em: <[https://cinemadafundacao.com.br/wp-content/uploads/2019/04/LIVRO\\_Alumiar-um-a-experiencia-acessivel.pdf](https://cinemadafundacao.com.br/wp-content/uploads/2019/04/LIVRO_Alumiar-um-a-experiencia-acessivel.pdf)>. Acesso em abril de 2023.

**Artigo sobre filme “Romeu e Julieta em Libras”, do Grupo signatores.**

Disponível em: <<https://www.picsphotopress.com/2022/05/04/grupo-signatores-formado-por-atores->

[surdos-estreia-filme-romeu-e-julieta-em-libras-no-festival-da-cultura-inglesa/](#)>.

Acesso em abril de 2023.

COSTA, Otávio Santos. **Uma ideia na mão e uma câmera na cabeça: cinema na educação bilíngue de surdos e surdas**. 2020, UFSCAR. Disponível em:

<<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13024>>. Acesso em abril de 2023.

2020.

BUBNIAK, Fabiana Paula. **Cinema surdo: uma poética pós-fonocêntrica**. 2016, Brasília. Disponível em:

<<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3476>>. Acesso em abril

de 2023.

“**TEDxIslay - Wayne Betts Jr - Deaf Lens**” (TEDxIslay e Wayne Betts Jr, 18min, palestra gravada, 2010). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ocbyS9-3jjM>>. Acesso em abril de 2023.

“**Seremos ouvidas**” (Larissa Nepomuceno, 12min, doc, Curitiba, 2020). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RX70kHCxRRk>>. Acesso em abril de 2023.

“**Romeu e Julieta em Libras**” (Adriana Somacal, 14min, ficção, Porto Alegre/RS, 2022). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-q3XZvTLlvs>>. Acesso em abril de 2023.

“**Processo de Luto**” (Yanna Porcino, 2min, experimental, Dinamarca, 2021).

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CqEOzemOLZI/>>. Acesso em abril de 2023.

“**Padrão de Beleza**” (Yanna Porcino, 2min, experimental, Recife/PE, 2020).

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CDXOI5QHxe/>>. Acesso em abril de 2023.

## 7. ANEXOS

### 7.1. Depoimento de Pammelleye Katherinne

outubro de 2020, via aplicativo de mensagem (em Libras e português escrito)

[https://drive.google.com/drive/folders/1HQMWMomnJ7Jr-O1wKi\\_s5kC1fRQ0iRhB?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1HQMWMomnJ7Jr-O1wKi_s5kC1fRQ0iRhB?usp=sharing)

Minha primeira experiência sobre trabalhar na área do cinema foi quando participei do projeto CineSurdo da Apada em Brasília, que foi um curso com aulas teóricas e práticas na área de cinema junto com a turma composta somente por surdos. Foram aprendizados maravilhosos com o professor e os intérpretes que nos acompanharam na sala com Surdos e contamos com recursos materiais como slides sobre teoria de fotografia e filmes,

equipamentos audiovisuais para gravações, notebook para editar os vídeos e câmera fotográfica para praticarmos. Divimos em equipe de 4 filmes e produzimos, sempre pensando na melhor preparação com elenco de protagonistas e figurantes composto por surdos e ouvintes.

Tivemos muito trabalho e pouco tempo para produzir os curtas, seguindo o roteiro com as cenas das histórias. Eu editei um dos Curta-Metragem que foi gravado.

\*Experiência \* 🖐️

Como processo filme fazer gravar a curta-metragem?

A minha curta-metragem não foi fácil, a minha equipe me deu toda ajuda com ideias para roteiro. Eu e meu amigo Luérgio tivemos que organizar as cenas do roteiro. Fui diretora do curta "Não Me Toque".

Eu também fui produtora, atriz e assistente de elencos de atores protagonistas e figurantes. A minha equipe era pequena e conseguimos dividir as responsabilidades. Foram ao todo, sete meses de experiências que me ajudou abrir a mente para novos aprendizados. Nunca imaginei que eu conseguiria aprender tudo muito rápido e fui capaz de completar o desafio. Objetivo incentivo cinema surdo

Tivemos incentivo de participar do cinema surdo com o projeto CineSurdo, mas o que fez a grande diferença foi o interesse em participar e ter vontade de aprender novas coisas, assistir os filmes, compartilhar as ideias sobre o que acontece no mundo entre meio ambiente, política, direito humanos e família na vida em sociedade. Além disso, tivemos bastante debate sobre os filmes que produzimos.

É importante que o projeto pense em acessibilidade e mostrar à sociedade, que os surdos podem sim trabalhar em qualquer área do cinema e valorizar nossa língua de sinais, podemos produzir os filmes bilingues. No Brasil aos poucos tem novos filmes com profissionais surdos com a identidade e cultura surda.

## 7.2. Depoimento Yanna Porcino

outubro de 2021 via aplicativo de mensagem (em Libras. Tradução nossa)

<https://drive.google.com/file/d/1jtJK1bnJZXT4mSsxoNHdNgaCVxiWhL7/view?usp=sharing>

Olá, meu nome é Yanna e agradeço o convite do projeto A Língua e os Sinais. Para falar sobre minha experiência com cinema, preciso explicar sobre o Stop Motion, uma técnica de animação baseada na manipulação de objetos e fotografias tiradas com variações mínimas de poses para formar a ideia de movimento quando colocadas em sequência, seguindo a lógica de frames por segundo. Por exemplo, o famoso longa A Fuga das Galinhas, conhecem? Eu amo esse tipo de filme.

Eu sou poeta visual e administro o perfil Meus Sinais Expressam, no instagram, eu escolho um tema, como padrão de beleza e crio uma reflexão poética a partir daquilo. A maioria da sociedade não conhece a Libras e a Literatura Surda, então eu quis optar por uma estratégia que gerasse conexão, para as pessoas compreenderem minha mensagem.

Eu já tinha uma pesquisa própria de stop motion e fotografia e a utilizei nessa oportunidade para expressar a provocação sobre padrão de beleza. É preciso ajustar bem o enquadramento, pois não pode haver muitas alterações na margem para não quebrar com a ilusão de movimento do objeto em destaque na cena. Após posicionar e ajustar bem, iniciei o processo das fotos.

Em seguida, combinei essa sequência com a minha poesia visual na qual eu fazia uma metáfora com o processo subjetivo que acontecia na visão da personagem, passando por diversas intervenções estéticas na face. Com referências de livros infantis, eu dei continuidade à manipulação dos objetos e às fotos. Foi uma experiência muito incrível e que precisou de muito esforço, afinal um desafio dessa magnitude, com todo o perfeccionismo e atenção exigidos, não dava pra cair no mínimo deslize.

É muito trabalho, mas bem recompensado no momento de ver o resultado da edição. Apesar de ser uma etapa até mais trabalhosa do que a captação e você precisar de muita paciência também. Uma questão era como conjugar as duas sequências que eu tinha criado, a das fotos e a da sinalização da poesia. Era preciso contexto sempre afim um ao outro e um paralelismo forte, era o efeito que eu queria criar. Aí sim, no final de tudo isso, a emoção foi intensa demais, realmente levei ao pé da letra a expressão 'mãos a obra'.

Vamos ver o que eu produzirei no futuro, desejo ter mais stop motions no portfólio. Amo muito e sempre sou espectadora dessas obras no cinema. Por ora é isso, obrigada!